

# A inteligência artificial pode apresentar viés racista, preconceituoso?



Antes de continuar lendo este artigo, faça a seguinte experiência: abra o seu navegador de internet e pesquise pelo seguinte conjunto de palavras: “homem foto”. Depois, vá na parte de resultados em imagens. Com o resultado, responda às perguntas abaixo:

- Qual a porcentagem de homens negros há na sua primeira página?
- Qual a porcentagem de homens idosos?
- Qual é o padrão que salta aos seus olhos?

Repita a experiência para o conjunto de palavras “mulher foto” e faça as mesmas perguntas.

No meu navegador Google Chrome, em 21/6/2022, às 17h, obtive o seguinte resultado:

Argumento de pesquisa	homem foto	%	mulher foto	%
Total de imagens	25	100%	26	100%
Negro(a)	1	4%	0	-
Pardo(a)	2	8%	0	-
Asiático(a)	0	-	1	4%
Indígena	0	-	0	-
Indefinido(a)	1	4%	1	4%
Branco(a)	21	84%	24	92%
Aparentemente Idoso(a)	0	-	0	-

No meu navegador Microsoft Bing, em 21/6/2022, às 17h, obtive o seguinte resultado:

Argumento de pesquisa	homem foto	%	mulher foto	%
Total de imagens	22	100%	25	100%
Negro(a)	0	-	2	8%
Pardo(a)	3	14%	0	-
Asiático(a)	1	5%	0	-
Indígena	0	-	0	-
Indefinido(a)	1	5%	0	-
Branco(a)	17	77%	23	92%
Aparentemente Idoso(a)	2	9%	0	-

Se você, leitor, fez esse teste, muito provavelmente os resultados de suas pesquisas foram parecidos com estes. Uma porcentagem bem alta de homens e mulheres brancos. Do resultado obtido, embora o teste não possua um rigor científico e o conjunto amostral seja bem pequeno, podemos depreender que há um viés no resultado das buscas. O algoritmo, a inteligência artificial (I.A.) por trás dos mecanismos de busca apresentam como “homem padrão” e “mulher padrão” o “homem jovem branco europeu” e a “mulher jovem branca europeia”, reforçando, neste exemplo, o racismo estrutural. No teste que fizemos o resultado só será diferente se acrescentarmos outras palavras ao argumento de pesquisa, como por exemplo “homem negro foto” e “mulher negra foto”.

“Homem negro” não é homem? “Mulher negra” não é mulher? Mesmo não utilizando o olhar do analista de informática que sou, percebe-se que esse tipo de distinção não tem sentido; as imagens nos repositórios de busca deveriam ser mais ou menos igualitárias em quantidade de homens negros, brancos, asiáticos, indígenas, jovens, idosos etc.

Os algoritmos de busca deveriam trazer respostas mais aleatórias. Neste caso, deveríamos ver quase a mesma quantidade de imagens de pessoas negras e de pessoas brancas. Mas não é o que acontece na realidade. Há algo errado, muito errado, portanto.

E a sociedade não tem dado a devida atenção aos problemas que podem advir deste viés. Por exemplo: quais efeitos serão produzidos na sociedade quando o reconhecimento facial for amplamente aplicado às políticas de segurança pública? E quando algoritmos enviesados forem aplicados à educação e à saúde?

No Brasil, segundo [artigo](#) de Bruno Sousa, de 22 de abril de 2021 publicado no site [Rede de Observatórios da Segurança](#), a tecnologia de reconhecimento facial começou a ser testada em 2019. No primeiro ano, 184 pessoas foram presas com o uso dessa tecnologia, das quais 90% eram negras.

O artigo mostra, ainda, uma mulher negra inocente que foi presa no Rio de Janeiro (RJ), após ser apontada pela I.A. como foragida, por ter mais de 70% de semelhança com outra mulher encarcerada.

Um achado perturbador foi o da pesquisadora Joy Buolamwini — ativista digital e cientista da computação ganense-americana —, do MIT Media Lab, que verificou que os sistemas de I.A. identificavam seus colegas de pele branca, mas não reconheciam o rosto dela, negro, como sendo um rosto humano. Todavia, ao colocar uma máscara clara diante do rosto os sistemas passavam a reconhecê-la como um ser humano.

Ao aprofundar a pesquisa com produtos de três empresas (IBM, Microsoft e Face++), Buolamwini verificou que imagens de homens brancos eram mais facilmente identificados do que mulheres negras. Uma evidente demonstração de que os sistemas de I.A. possuíam um viés racista. A partir dessa experiência a pesquisadora resolveu fundar a Liga da Justiça Algorítmica (Algorithmic Justice League).

Outro fato noticiado mundialmente foi a identificação errônea feita pelo Google Fotos em 2015, na qual as pessoas negras eram classificadas como gorilas. Na ocasião, a gigante da tecnologia, confrontada com o problema, desculpou-se. Mas como ficam o sentimento e a autoestima das pessoas com esse tipo de tratamento?

Os grandes fabricantes de soluções de I.A. estão nos países com maioria de pessoas brancas como Europa e EUA. Mas as soluções criadas por eles são rapidamente utilizadas nos países abaixo da Linha do Equador, cujas populações serão afetadas pelos vieses desses algoritmos.

Imagino que esse problema seria um pouco mitigado se houvesse mais pessoas não brancas participando dos processos de criação das soluções, das validações de suas funcionalidades e das aplicabilidades. Se não houver a inclusão de pessoas diversas no processo criativo, teremos mais do mesmo, isto é, mais discriminação e mais preconceito com a desculpa fácil e impessoal de “falha de sistema”. Mas, com isso, vem outra pergunta inquietante: quais pessoas podem sofrer as consequências dessas “falhas”?

Para se aprofundar mais nesta questão recomendo a leitura do livro *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*, de Tarcízio Silva. Assista também a Roda de Conversa sobre Racismo Algorítmico promovida pelo Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça.

*Este artigo foi escrito por Devair Sebastião Nunes, coordenador do Grupo de Trabalho de Afinidade de Raça, do Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça. Instituído pela Portaria da Diretoria-Geral 2.511/2015, o comitê é responsável por formular e acompanhar ações promovidas pela Administração para a promoção da igualdade de gênero e raça na Casa.*

Link: <https://intranet.senado.leg.br/noticias/materias/2022/07/a-inteligencia-artificial-pode-apresentar-vies-racista-preconceituoso>